

Depois de trinta anos, a autonomia sai das urnas

JÚLIO MOSQUÉRA

Na galeria dos ex-prefeitos e ex-governadores de Brasília, instalada no térreo do Palácio do Buriti, 14 retratos documentam as faces dos governos da capital do País. Do primeiro prefeito, Israel Pinheiro, que assumiu em 7 de maio de 1960, ao primeiro governador, Wadjô Gomide, foram sete anos. Na parede do Buriti ainda faltam ser colocados o ex-governador Joaquim Roriz, e o atual, Wanderley Vallim. Mas o lugar de destaque, pelo menos na história de Brasília, e na mente de milhares de eleitores, ficará para aquele que, ao final da abertura das urnas de 3 de outubro próximo, obtiver o maior número de votos: o escolhido livre e democraticamente pela população.

Brasília espera com ansiedade por este dia. Os 30 anos de existência estão marcados por vitórias no campo político. Houve a ocupação popular da Esplanada dos Ministérios e da rampa do Congresso Nacional na batalha pelas diretas-já, em 1985. Logo em seguida, em 1986, os eleitores do Distrito Federal conquistaram o direito de se manifestar pela primeira vez: escolheram oito deputados e três senadores para redigirem a nova Constituição da República.

Era preciso mais, no entanto. A principal conquista sempre esteve voltada para a autonomia política. De momentos marcantes, como aquele em 1982, quando Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e outros líderes foram proibidos de defender a independência democrática do DF, na sede da Associação Comercial de Brasília, por tropas de choque, até a promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988, os pedidos por eleições diretas em todos os níveis se multiplicaram.

Sem acesso à cédula de votação, os eleitores opinaram por intermédio de abaixo-assinados. Aos argumentos de uma minoria que via no fato de Brasília ser a sede do Governo Federal a impossibilidade de sua autonomia política, sobrepujaram-se as milhares de vozes que desejavam ter acesso às urnas.

Com pouca experiência, mas aos trancos do entusiasmo, os brasilienses foram às urnas. No primeiro contato, em 15 de novembro de 1986, o número excessivo de candidatos — quase três centenas — e de partidos (22), não ofuscou a avaliação dos eleitores, que escolheram uma bancada equilibrada entre a esquerda e a direita.

Quando vieram os dois turnos da eleição presidencial, o exercício do voto foi mais tranquilo. O resultado das urnas no DF foi analisado de maneira positiva pelos especialistas em política, que viram em Brasília uma população consciente e participativa.

Centenas de pessoas espalharam-se em defesa de suas bandeiras ideológicas. Os buzinaços, shows de campanhas se sucederam, e a prática democrática das eleições ficou enriquecida. Agora, que chegou a vez de eleger o governador.

ARQUIVO



O ex-governador Joaquim Roriz prepara a sua volta ao Palácio do Buriti